



“A MULHER DO FIM DO MUNDO”: NARRATIVA BIOGRÁFICA DA CANTORA ELZA SOARES SOB A PERSPECTIVA EDUCACIONAL E DA INTERSECCIONALIDADE

GT 15: Relações Raciais e Educação

Trabalho completo

Eni Gonçalves da Silva Cambui (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

e-mail: enicambui@gmail.com

Ana Luisa Alves Cordeiro (Docente do Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

email:analuisatri@gmail.com

Resumo

Apresentamos a narrativa biográfica da cantora Elza Soares sob a perspectiva educacional e da interseccionalidade. Nosso objetivo é identificar as produções bibliográficas sobre a artista Elza Soares e analisar essas narrativas. O aporte teórico baseia-se no campo do Feminismo Negro e sua categoria da interseccionalidade e da Educação das Relações Étnico-raciais. Adotamos a abordagem qualitativa com uso das pesquisas bibliográfica com um breve levantamento bibliográfico sobre a artista Elza Soares e, pesquisa exploratória com produções acadêmicas sobre a narrativa biográfica da artista Elza Soares e análise dessas produções sob a perspectiva educacional e da interseccionalidade de raça, gênero e classe.

Palavras-chave: Feminismo Negro. Elza Soares. Mulher Negra.

Introdução

Ao investigarmos trajetórias de vida, produções artísticas e contribuições para a educação na perspectiva educacional, estamos utilizando a técnica de construção de dados denominada narrativa biográfica. A narrativa biográfica é uma ferramenta da pesquisa exploratória que permite que o sujeito pesquisado compartilhe sua história de vida, sua experiência, desafios e suas reflexões pessoais.

O objetivo de nossa investigação é identificar as produções bibliográficas que tratam sobre a artista Elza Soares e analisar as narrativas biográficas, a produções artísticas dessa cantora brasileira sob a perspectiva educacional e da interseccionalidade de raça, gênero e classe e as possíveis contribuições à luta antirracista e antissexista.

Nosso aporte teórico baseia-se no campo do Feminismo Negro e sua categoria da interseccionalidade, bem como da Educação das Relações Étnico-raciais. Utilizamos ainda estudos sobre narrativa biográfica da cantora brasileira Elza Soares sob a perspectiva da educação e da interseccionalidade de raça, gênero e classe. A narrativa biográfica é um método de pesquisa que tem ganhado destaque nas ciências humanas e sociais e, principalmente, na educação.

A autora Djamila Ribeiro (2018), em suas reflexões defende que a educação deve incluir a história e as vozes de mulheres negras e considera que essas trajetórias historicamente não estão presentes nos currículos escolares e acadêmicos. Para Roland Barthes (2011), a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades, afirmando que:

[...] A narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte algum povo sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas e, frequentemente, essas narrativas são apreciadas em comum por homens de diferentes culturas e, mesmo opostas [...] (Barthes, 2011, p. 19).

Assim, a narrativa biográfica traz contribuições para o entendimento de que as trajetórias de vida pessoal e profissional são importantes para a compreensão do percurso do sujeito pesquisado. Na educação ela permite tecer críticas e reflexões podendo aproximar teoria e prática nos contextos educativos.

No contexto das mulheres negras a interseccionalidade destaca-se como o racismo, o sexismo, o capitalismo e outras formas de opressões se sobrepõem em suas vidas e suas experiências. Em relação ao conceito de interseccionalidade, Carla Akotirene (2019) afirma que:

[...] é forma de abarcar as vivências e as intersecções a que está submetida uma pessoa, em especial, a mulher negra e aponta que o termo define um posicionamento do feminismo negro frente às opressões da nossa sociedade cisheteropatriarcal branca e de base europeia, desfazendo a ideia de um feminismo global e hegemônico como voz única (Akotirene, 2019, p. 11).

Portanto, essas intersecções são sobrepostas, para as mulheres negras as opressões de raça, gênero e classe atravessam seus corpos de forma simultânea. A educação numa perspectiva interseccional busca romper com os estereótipos e promover uma pedagogia crítica que desafie as estruturas de poder que mantêm essas opressões. Estereótipos são denominados por Lélia Gonzalez (1984) como expressões que estigmatizam e subjagam as mulheres negras, tais como "mãe preta", "mucama", "doméstica" e "mulata" que perpetuam a subalternidade e objetificam seus corpos (Gonzalez, 1983, p. 226-235).

O feminismo negro no Brasil surge como um movimento que busca abordar as intersecções entre racismo, sexismo, capitalismo e outras formas de opressão que afetam as mulheres negras. Patrícia Hill Collins (2016) em seu conceito de "pensamento feminista negro", discute a importância da conscientização e da educação na luta contra essas opressões. O feminismo negro inspira as cantoras negras brasileiras a se tornarem agentes de mudança

social, usando sua música e sua influência para advogar por questões como igualdade de gênero, combate ao racismo, acesso a oportunidades e direitos das mulheres.

A arte e toda expressão artística, conforme Eline Souza Barbosa (2023), provoca uma imersão e reflexão sobre si e sobre o outro, podendo ser uma importante ferramenta de conhecimento e de reflexão sobre conquista de sua identidade e de emancipação humana (Barbosa, 2003, p. 36). Assim, compreendemos que a arte abre espaços para o diálogo e dá visibilidade às mulheres negras, permitindo que elas expressem sua criatividade e possam manifestar suas insatisfações, angústias e denúncias diante das injustiças e desigualdades raciais, de gênero e classe a que elas são submetidas.

A educação das relações étnico-raciais promove discussões importantes para compreensão das desigualdades e injustiças diante das opressões do capitalismo em nossa sociedade. Como nos afirma bell hooks¹ (2021) que “o reconhecimento das desigualdades raciais implica na necessidade de ampliação de ações que explicita o comprometimento dos sistemas de ensino com a aprendizagem e o sucesso escolar e acadêmico dos estudantes” (hooks, 2021, p. 9). Portanto, as práticas artísticas oportunizam expressões e reflexões sobre a educação interseccional abordando as complexidades das identidades e vivências das mulheres negras.

Nossa pesquisa é de abordagem qualitativa com uso das pesquisas bibliográfica e exploratória. Segundo a autora Maria Cecília de Souza Minayo (2007, p. 21), a pesquisa qualitativa nas ciências sociais preocupa-se com a dimensão da realidade que não pode ser quantificada e seu universo de trabalho envolve “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, trazendo relevância em suas qualidades.

A pesquisa bibliográfica de acordo com o autor Antônio Carlos Gil (2002), é uma pesquisa desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos e de impressos diversos. Para consolidar nossa pesquisa realizamos um breve levantamento bibliográfico de artigos, dissertações e teses nos bancos de dados do portal de Periódicos da Capes e Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, IBICT Oasis e Google Acadêmico com descritores que versam sobre a artista negra brasileira Elza Soares e sobre a temática abordada em nossa pesquisa.

A pesquisa exploratória é entendida por Gil (2002) como forma de proporcionar maior familiaridade com o problema, onde são realizados estudos bibliográficos que

¹ Pseudônimo de Gloria Jean Watkins, a autora pede que seu nome seja escrito todo em minúsculo, visto que é uma homenagem a sua avó materna, Bell Blair Hooks, que não tinha medo de falar.



possibilitam a imersão na temática proposta. Para efetivação da pesquisa exploratória contamos com a leitura de produções acadêmicas que trazem a narrativa biográfica da artista Elza Soares, com a realização da análise dessas produções sob a perspectiva educacional e da interseccionalidade de raça, gênero e classe.

Desenvolvimento

Nascida Elza Gomes da Conceição, no dia 23 de junho de 1930 na comunidade de Moça Bonita, uma das primeiras favelas do Rio de Janeiro. Elza Soares é uma artista brasileira, cantora, compositora e iniciou sua carreira artística na década de 1950, teve inúmeros álbuns gravados e foi premiada internacionalmente. No decorrer de sua vida também estudou instrumentos como o sax alto, violão e bateria e chegou a cursar até o quarto ano da faculdade de Direito. Segundo Isabella Garcia (2022), o sobrenome Soares Elza adotou de seu primeiro marido, passando assim usar o nome artístico Elza Soares após assumir sua carreira musical.

De acordo com Larissa Papa Nogueira Martins (2023), assim como a maioria das mulheres negras do nosso país, Elza também sofreu violências do racismo e do sexismo em diversas formas e nas diferentes fases de sua vida. Teve uma infância permeada pela pobreza e violência, na qual enfrentou inúmeros casos de racismo e violência de gênero. De família e vida simples, seu pai senhor Avelino, um operário, sua mãe dona Rosária lavadeira, tinha mais quatro irmãos que estudavam e ajudavam nos afazeres domésticos. Sobre as atribuições nos afazeres domésticos, a autora bell hooks afirma que:

Como muitas negras foram criadas em lares onde as mães trabalhavam fora assumiram cedo a responsabilidade pelos afazeres domésticos e o cuidado dos outros. Um tempo para SI mesma para pensar não e tradicionalmente valorizado para as meninas negras (hooks, 2005, p. 473).

Vemos que essas são situações muito comuns na realidade de mulheres negras e de classe social menos favorecida, cuidar dos outros e pouco de si. Lélia Gonzalez (2020) também argumenta sobre nossas crianças que aderem à força de trabalho muito cedo, devido às condições de pobreza e miséria em que a grande maioria da população negra vive (Gonzalez, 2020, p. 160). A mulher negra desde a idade mais tenra já assume o papel de cuidadora.

Notamos as opressões do colonialismo e capitalismo que atravessam os corpos das mulheres negras com as intersecções de raça, gênero e classe. Sobre a luta pelas

desigualdades, Ribeiro (2018) argumenta que pessoas que lutam contra as desigualdades não se fazem de vítimas: são vítimas de um sistema perverso e, ao mesmo tempo, sujeitos de ação, porque o denunciam e lutam para mudá-lo (Ribeiro, 2018, p. 23).

Martins (2023) discorre sobre o início de Elza na música que se deu na própria família, seu pai tocava violão, trompete e cantava também. Elza o acompanhava e viu desde cedo a possibilidade de uma carreira musical, visto que, ao ajudar nos afazeres domésticos e apanhar lata d'água na cabeça ela já cantava demonstrando equilíbrio e afinação vocal e posteriormente lhe renderia o título de uma de suas canções, "Lata D'água". Porém, ao assumir a vida artística profissionalmente, não foi apoiada por sua família que não via com bons olhos uma mulher ser cantora. Vemos um posicionamento sexista sobre essa questão levantada pela família de Elza e hooks (1995) argumenta que:

[...] negras criadas em famílias sexistas não eram postas em situações em que pudessem ficar sozinhas. A pesquisa feminista sobre a condição de pais indica que as mulheres são socializadas para desenvolver práticas relacionais que destaquem nossa capacidade de cuidar dos outros. Essa socialização era e é em geral tornada explícita nas famílias negras tradicionais (hooks, 1995, p. 473).

Essa reação da família em relação a escolha e vocação artística de Elza que, aparentemente nos parece como cuidado, proteção também nos revela um posicionamento machista e sexista. Cantar em casa, junto a família era tolerável, mas cantar na noite e em barzinhos não era entendido como trabalho para mulheres. Elza foi à luta em busca de suas conquistas primeiro porque gostava da música e depois porque era uma forma de trazer o sustento para sua família.

Elza foi vítima de racismo e sexismo em sua vida pessoal e artística, segundo relatos de Martins (2023). Aos treze anos de idade foi lhe imposto um casamento com um desconhecido e teve que lidar com as responsabilidades da vida adulta mesmo sendo ainda uma criança. Dessa união Elza teve seis filhos vindo perder alguns devido a desnutrição e condições de vida precária. Seu relacionamento foi marcado por muita violência, física, sexual, psicológica e tentativa de feminicídio por não aceitar sua carreira artística, embora ela trabalhasse durante o dia como empregada doméstica para ajudar no sustento dos filhos.

Passados alguns anos seu marido vem a falecer de tuberculose e tempos depois Elza assume um relacionamento com o famoso jogador de futebol Mané Garrincha, na qual lhe renderia mais filho. Elza se vê em mais um relacionamento conturbado e marcado por inúmeros episódios de violência física e psicológica, bem como perseguições e ataques de populares e da mídia diante desse romance, afirma Martins (2023).

Trajatória artística de Elza Soares

Em seu percurso artístico Elza enfrentou uma estrutura racista, sexista e capitalista e, em alguns momentos perdeu contratos ao saberem que se tratava de uma mulher negra, mesmo ela tendo boa afinação vocal. Porém, deslocou-se do lugar de subalterna para o de protagonista e de resistência conquistando sua emancipação humana.

Sobre a questão da estética Juliana Cintia Videira (2018), argumenta que na capa de seu primeiro álbum, Elza está com o cabelo bem curto e, logo nos discos seguintes, já usa o cabelo alisado seguindo uma tendência ditada pelas revistas de moda da década de 1960. Isso nos leva a entender as diferentes estratégias e posicionamentos que Elza adotou ao longo de sua vida e carreira no que se refere ao enfrentamento do racismo e do machismo.

Inicialmente, Elza que precisava dar uma vida melhor para a família, aceitava as propostas das gravadoras e o que lhe era agenciado, assim não imprimia sua identidade nos seus trabalhos musicais. Porém, com seu amadurecimento pessoal, profissional e mudanças no cenário político e social, percebe-se mudanças em seu posicionamento político enquanto artista (Martins, 2023, p. 100). Citamos alguns dos 35 álbuns de Elza Soares: “Se Acaso Você Chegasse” (1960) seu primeiro álbum; “Sangue, Suor e Raça” (1972), “Língua” (1984), “Somos Todos Iguais” (1985), “Do Cóccix até o Pescoço” (2002), A Mulher do Fim do Mundo (2015); Deus é Mulher (2018); Planeta fome (2019), último álbum da cantora em vida. Um ano após sua morte, foi lançado o álbum de estúdio “No tempo de intolerância”.

Sobre sua trajetória artística, Garcia (2022) cita alguns momentos importantes vivenciados por Elza:

Elza era muito elogiada por sua voz e sua primeira participação foi em um concurso musical chamado Calouros em Desfile que foi transmitido pelo rádio. A cantora em sua apresentação foi ridicularizada por suas roupas e a forma de falar, mas ao mostrar seu talento cantando conquistou uma vaga no conjunto. A partir daí a carreira de Elza decolou tendo gravado aproximadamente 36 álbuns de música, indicadas em diversas premiações como o Grammy Latino (Garcia, 2022, p. 47).

Garcia (2022) ressalta que pela arte, através das letras das suas músicas, Elza não só encantava como também retratava a sua vivência como mulher negra. Elza cantava a alegria do samba, mas também cantava as suas tristezas. De acordo com Garcia (2022, p. 48), para ilustrar a correlação da arte com a sua vida, em 2015 foi lançada a música “A Mulher do Fim do Mundo”, em que Elza deixa claro que a sua arte é a sua própria vivência:



Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como um vendaval
Me joga na avenida que não sei qual é
Pirata e Super Homem cantam o calor
Um peixe amarelo beija a minha mão
As asas de um anjo soltas pelo chão
Na chuva de confetes, deixo a minha dor
Na avenida, deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida, deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar
(Soares, 2015)

Assim, "A Mulher do Fim do Mundo" é uma canção que celebra a vida apesar das adversidades, utilizando o carnaval como uma metáfora para transformação e resistência. A música não apenas reflete as experiências pessoais de Elza Soares, mas também se conecta com questões sociais mais amplas, fazendo dela um hino de resistência, identidade e libertação.

O álbum "A Mulher do Fim do Mundo" é o primeiro álbum de sua carreira só com músicas inéditas, compostas especialmente para ela e que sugere ser uma espécie de autorretrato da cantora: "A Mulher do Fim do Mundo" que lhe rendeu o Grammy Latino de 2016 de Melhor Álbum de Música Popular Brasileira e compôs a lista dos dez melhores do ano pelo The New York Times.

Elza realizou uma grande turnê pelos Estados Unidos e Europa e se apresentou em diversas regiões do Brasil. A repercussão de "A Mulher do Fim do Mundo" (2015) levou Elza à sua estreia no festival Rock in Rio em 2017. Sua apresentação foi marcada por uma mensagem de combate ao racismo e à violência doméstica, nos afirma Martins (2023).

"A Mulher do Fim do Mundo" nos mostra o desejo de Elza de cantar 'até o fim' é um ato de afirmação pessoal e um chamado para que sua voz seja ouvida, em um mundo que muitas vezes tentaram silenciá-la. Viana e Souza (2022), afirmam que a vida e obra de Elza Soares se intercalam, ela canta suas mazelas, mas também suas conquistas e sua força de luta, de resistência e de emancipação.

De acordo com Videira (2018), a trajetória de Elza Soares nos permite observar como ela atuava em prol da temática racial e de gênero por meio de suas escolhas, embates e negociações frente às relações de poder, como também às mudanças em sua forma de agir e pensar sobre esses temas. Nesse sentido, em suas canções, Elza Soares assumia uma postura política "interseccional" na medida em que seu cantar denunciava "as diversas formas e manifestações das subordinações a que as mulheres negras são submetidas".

Assim, a narrativa biográfica de Elza Soares nos desperta para a compreensão de que as experiências vivenciadas, as histórias de vida pessoal e suas produções artísticas, são processos que colaboraram para sua formação enquanto mulher, mãe e artista de grandioso legado. Elza teve uma vida pautada pela ousadia, enfrentamento, ativismo e revolução. Demonstrou forças, ocupou espaços, ergueu sua voz e cantou até o fim.

Conclusão

Considerando as opressões de raça, gênero e classe na qual as mulheres negras são submetidas pelo cisheteropatriarcado, a mediação artística, numa perspectiva interseccional, traz contribuições significativas para a educação voltada para a emancipação das mulheres negras. Nesse sentido, a narrativa biográfica de Elza Soares nos traz reflexões sobre a importância de uma educação crítica, inclusiva e transformadora que valoriza a diversidade de experiências e desafiando desigualdades estruturais.

A arte como ferramenta educativa têm promovido ações que dão visibilidade e reconhecimento as identidades culturais das mulheres negras, ajudando na construção de um senso de pertencimento, valorização pessoal, na cultura de resistência e emancipação humana. A educação das relações étnico-raciais deve ser prioridade nos currículos de formação e para fortalecimento de identidades, com uma pedagogia que valoriza a diversidade cultural e promova a emancipação individual e coletiva das vozes marginalizadas. Neste sentido, a mediação artística é um instrumento potente na construção de processos de ensino-aprendizagem e de uma educação libertadora voltada para emancipação humana.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARBOSA, Eline Souza. **Ethos discursivo, interdiscurso e cenas enunciativas em canções interpretadas por Elza Soares**. 2023. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/31089>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.



GARCIA, Isabella. **Narrativas subalternas de mulheres negras na construção da interseccionalidade como metodologia do comitê da ONU contra discriminação racial**. 2022. 133 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica, Campinas, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16897/cchsa_ppgdir_dissertacao_garcia_ig.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 de mar. de 2024.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Silva, L.A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS, n.2, 1984, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos/organização Flavia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, Larissa Papa Nogueira. “**O grito da “mulher do fim do mundo”**”: feminismo descolonial, subjetividades e rebeldias na vida e obra de Elza Soares (1930-2022). 2023. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, Mato Grosso do Sul, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/6187>>. Acesso em: 20 de set. de 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

VIANA, Elizabeth Tavares; SOUZA, Luanna Tomaz de. Biografando Elza Soares: heroísmos e imagens de controle. **Revista Rios**, Rio São Francisco, ano 17, n. 35, p. 62-79, 2022. Disponível em: <<https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/725>>. Acesso em: 20 de set. de 2024.

VIDEIRA, Juliana Cintia. **Elza Soares na escola**: gênero e relações étnico-raciais na música popular brasileira e no ensino de história. 2018. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1063386>>. Acesso em: 30 de mar. de 2024.